

A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV—SÉRIE II

N.º 15 (105)—24-6-923

PREÇO \$20—AFRICA \$25—ESTRANGEIRO \$40

Redactor principal:
António Teixeira

Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA

RED. e ADM.: Rua do Sol, 131—PORTO

CORR.: APARTADO 17—PORTO

Administrador:
José Rodrigues Reboredo

Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

Olho por olho, dente por dente!

O fascismo alastra como uma gota de azeite. Na Itália, foi onde o triunfo de Mussolini lhe proporcionou toda a audácia de que ele se reveste. Assim, o fascismo desenvolve-se, um pouco, por toda a parte; e a sua acção revela-se sob a capa dum nacionalismo fogosíssimo, nacionalismo que gera uma infinidade de atentados.

Lausana, na Suíça, e Tolosa, em França, acabam de ser teatro das mais recentes infâmias do fascismo. A impunidade de que gosam os adeptos de semelhante epidemia, açula-os de tal maneira que os leva a acreditar que podem fazer tudo, visto que as suas vítimas não se defendem, nem se podem defender.

Se o fascismo não fosse mais do que um partido político que viesse aumentar o número dos partidos que já existem, nós vê-lo-íamos com um sorriso nos lábios, embora esse partido tivesse revêzes e êxitos.

E' que os partidos políticos bem pouco nos emocionam. Se o fascismo atacasse, na pessoa de Vorowski, assassinado em Lausana, somente o partido comunista russo; e na pessoa de Caillaux, agredido ou maltratado em Tolosa, apenas o partido radical francês, desejariamos que, unicamente os comunistas da Rússia e os radicais da França — partidos a quem as vítimas pertenciam — organizassem a sua própria defesa, garantindo assim a sua segurança pessoal e vingando os seus amigos e partidários.

Mas o fascismo é mais alguma coisa de muito pior do que um partido político. E se ele não arremeteu, na Suíça, senão contra um delegado da república dos Soviéticos; e, em França, contra um dos chefes do

partido radical (condenado pelos tribunais) é simplesmente porque o fascismo ainda não ganhou raízes nestas duas nações: o que se deu foi apenas um princípio de acção para apalpar o terreno e adestrar a mão.

O fascismo é um movimento que engloba: organiza e armatoda as forças de predomínio político e económico do capitalismo mundial contra todas as forças da revolução (desde as mais timidas às mais audaciosas) que ameaçam os privilégios dos donos e dos ricos. O fascismo é o ponto de concentração de todas as potências de tirania governamental e de exploração patronal, que tende a esmagar, pela pilhagem e pelo assassinato, o esforço do proletariado que se quer emancipar.

O fascismo exalta até ao delírio as paixões mais torpes do patriotismo. E o seu ódio principal é pôr fora do combate os militantes operários mais activos e abnegados; de dispersar os agrupamentos operários refractários a direcção despótica dos governos e das autoridades; de arruinar as obras de propaganda e de lançar o fogo às Bolsas de Trabalho, aos Sindicatos, às Cooperativas, às Casas do Povo, às Bibliotecas, a todos os locais onde se reúnem as actividades revolucionárias.

O fascismo deseja reduzir pelo silêncio, pela prisão, pela fome ou pela morte, todo o qualquer indivíduo que não se acomode ao regime actual, aniquilando todas as armas que os trabalhadores veem forjando há mais de meio século. O fascismo é o sobrevivente, mais perigoso dessa *União Sagrada* que, durante a guerra maldita, permitiu aos governos o prolonga-

mento do massacre. O fascismo é a *contra-revolução*, na sua ferocidade mais horrórosa.

Nós conhecemos muito bem o selvagismo, as atrocidades, as infâmias cometidas pelos fascistas em certos países como Itália e Espanha.

Iremos, então, pôr-nos á espera que o fascismo atravesse os Alpes, ou os Pirineus, e organize os seus bandos, instalando-se no coração do nosso país para que preparemos, depois, a resistência?

Não sonharemos em defender-nos senão quando seja impossível fazê-lo eficazmente, porque a nossa imprevidência deu tempo ao nosso inimigo para que nos esmagasse e nos enterrasse?

Se cometessemos esta imprudência, isso seria imperdoável.

Creio que não nos iremos colocar sob a protecção das leis e dos seus séides (escravos fanáticos de Mahoma). Os anarquistas sabem como a autoridade é má; e, sendo eles os seus maiores adversários, combatendo-a por todas as formas, jamais teriam a candidez, ou a covardia, de chamar em seu auxilio os representantes ou os esbirros dessa mesma autoridade.

Neste caso — e como sempre o fizemos — os anarquistas devem contar, apenas, consigo próprios, — com a sua energia, com o seu esforço e com as suas forças colectivas. Ainda estamos a tempo de tomar todas as precauções contra os *mussoliniístas* que estão impacientes por exercer a sua acção em França (1). Se os laureis dos fascistas italianos e espanhóis não deixam dormir os nossos fascistas, torna-se necessário que os impossibilitemos de levarem de vencida os seus infamíssimos intentos.

Golpe por golpe, olho por olho, dente por dente! Que cada um compreenda o que isto quer dizer. E' preciso que os bandos do *Fascio* saibam que estamos bem dispostos a recebê-los como merecem, que esta-

(1) E, em Portugal, também.

mos decididos à réplica que necessitam, para que a sua valentia cristalize na ofensiva que empreenderam e até que retrocedam.

Nós vimos, há vinte-e-cinco anos os bandos nacionalistas e antisemitas atirar-se sobre os transeuntes, saquear cervejarias, as salas de reunião e os jornais, atacando e matando aqueles que não gritassem: *Morte aos judeus! Viva a Marinha!* Ora isso foi o bastante para que os anarquistas se levantassem em frente destes criminosos — e nesta época, em Paris, não eramos mais do que algumas centenas — para que as suas fanfarronadas desaparecessem da circulação.

Estas várias centenas chegaram a formar milhares. Existe, nos meios revolucionários, uma juventude, brava e impetuosa, que só aspira a agitar-se; para demonstrar que está disposta à luta. Ao menor sinal de alarme, essa juventude procederá ao ataque, no meio do seu ardor e da sua intrepidez. Os velhos militantes não titubearão para os acompanhar, antes devem juntar a sua experiência aos ímpetos desta juventude.

Poderemos, pois, ficar certos de que a acção fascista será, assim, sufocada e prontamente aniquilada.

Preparemo-nos e organizemo-nos! Ainda estamos a tempo.

SEBASTIÃO FAURE.

N. da R. — Por estarmos completamente de acordo com estas palavras do nosso velho camarada Sebastião Faure, é que traduzimos este artigo. Faure vê o perigo do fascismo, como nós já o vimos, num dos últimos números de *A Comuna*. Resta agora que os camaradas pensem e meditem sobre aquilo que aí fica e procedam em consequência.

COMO NÃO SER ANARQUISTA?

Preço \$20; pelo correio \$30.
À VENDA NESTA REDACÇÃO

REFLEXÕES

A derrocada capitalista e a Revolução

Uma previsão fácil de fazer e uma decisão

:: :: revolucionária que se deve tomar :: ::

Qual será a causa principalmente impulsora da transformação Social?

A meu vêr, ela não será iniciada pela minoria (a tal minoria pretensamente sabichona), por qualquer conspiração secreta ou golpe de Estado audacioso. A minoria não é mais, em todos os tempos, que uma faúlha que não terá forças para incendiar se não tiver por si a grande massa do povo consciente da acção a efectuar.

A Idea que se circunscreve a uma minoria e nela confia, é uma Idea que morre.

A Revolução Social será originada por um abalo mais profundo, que minará os alicerces em que assenta o regime capitalista-autoritário e que tornará as condições de vida e de bem-estar completamente impossíveis dentro deste regime. Então o homem, na sua luta pela vida, factor dinâmico da conservação da espécie, arremedará violentamente todos os obstáculos. É fácil observar já os sintomas.

As condições de vida pioram diáritamente por toda a parte.

O regime capitalista-autoritário satisfaz porventura até uma dada época que já passou.

Actualmente, com o adiantamento da ciência e das artes, criadores de novas aptidões e novas e urgentes necessidades, ele não satisfaz, apesar de quantos remendos lhe queiram pôr os reformistas e restauracionistas que acorrem de todos os lados a aguentar a desconjuntada traquitana.

A terra parece cansada, de tal modo os seus produtos são mais raquíticos e em menor quantidade de ano para ano. A produção agrícola diminui, é um facto.

A produção industrial, por sua vez, satisfaz cada vez menos a progressiva intensidade de consumo. Isto é também um facto e bem visível.

Verifica-se, em todas as classes sociais, uma crescente sede de goso, que é um sintoma importante das sociedades decadentes, de que a História nos fornece muitos exemplos.

Aumenta o número de parasitas e de trabalhadores improdutivos ao passo que o comer-

cio se apresta todos os dias para ganhar mais nos seguintes. Isto é um facto eloquente.

A produção diminui e aumenta o consumo.

A fome, com todas as suas mais terríveis consequências vai desdobrar um manto negro sobre a humanidade.

Havia uma maneira de a evitar em parte.

Era a revolta popular desde já, em toda a Europa e na América, pelo menos, cortando por uma vez com o capitalismo. Extinguindo o sistema da Propriedade privada, individual ou colectiva, sem indemnizações de espécie alguma. Despejando os arsenais e os quartéis e distribuindo o armamento pelo povo, acabando com o sistema anti-revolucionário do militarismo, dando ao povo uma força material sem a qual, ele será impotente para generalisar a insurreição. Não permitindo que, de novo se levantasse, o Poder estatal, mesmo com o rótulo de transitório para guiar a Revolução.

A revolta desde já evitaria a fome dizimadora de amanhã. Mas é impossível.

A massa oprimida não tem, em qualquer parte, a consciência necessária para um movimento de tal magnitude, e as minorias (as tais minorias) pouco cuidam por enquanto disso.

Preocupam-se, de preferência, com discutir se vamos para Moscú ou para Berlim, nova espécie de política sindical, neo-diplomacia da última hora, que absorve seus cérebros dia e noite. O clericalismo, o nacionalismo, o patriotismo, vão de vento em pópa, procurando não dar vida, mas bestializar cada vez mais o povo atrasado.

A propaganda revolucionária está por fazer.

A insurreição desde já é impossível.

Logo, caminhamos para a Fome.

De toda a maneira o capitalismo vai cair.

As suas qualidades procriadoras estão extintas.

Agora, a Humanidade trata de comer, cada vez mais, à tripa fórra, num desvaíramento,

que é o sintoma preciso da tremenda *debacle*.

E então, não importa quando, se é fatal, a revolta estalará, tremenda como um vendaval, agitada pelas multidões famintas.

As características desta insurreição dependerão da maior ou menor consciência revolucionária ou educação social da massa.

O espirito revolucionário do povo depende evidentemente da propaganda que fizer, desde já, a minoria activa, quando se deixar de política, que só serve para entreter os ócios e espiçar as vaidades.

FRANCISCO QUINTAL

O Manuêl Manuêl

O sr. Manuel Ribeiro, antigo ferroviário e moderno romancista místico-religioso, foi a Roma. Foi a Roma, a cidade papalina, e ficou deslumbrado e boquiaberto.

Não foram a miséria, nem a desgraça, nem os horrores, nem as patifarias mussolinicas que pesam sobre os trabalhadores, o que o deslumbraram. Também não foram os processos verdadeiramente inquisitoriais usados pelos malditos fascistas que o deixaram boquiaberto. O que lhe deu no gôto, o que o fez subir ao zenite da sua felicidade suprema, da sua alegria intensa, talvez do seu furor erótico ao invés, foi o ter visto e apreciado S. Santidade! Que é o que se conclui duma carta que ele escreveu para a *Epoca*, e da qual transcrevemos, apenas, este parágrafo:

«Como V. sabe realizou-se no dia 26 nm consistório público para imposição do chapéu a quatro cardeais e entre eles o cardeal Locatelli a quem fui cumprimentar na chamada visita do «calor», e S. Eminência teve a amabilidade de me dar um bilhete para poder assistir ao consistório. Foi uma grande felicidade para mim, porque tive ocasião de ver S. Santidade...»

Depois de termos lido este clássico pedacinho de literatura a cheirar a incenso, recebemos, de Roma, um telegrama relatando-nos uma conversa de S. S. com os cardeais, depois de ter observado o sr. Manuel Ribeiro. São desse telegrama estas palavras:

«Acabo de ver—diz S. S. para os cardeais—as... saliências nadegudas do sr. Manuel Ribeiro, o ilustre autor da *Catedral* e do *Deserto*, e a quem

hei-de fazer blepo de Beja, em substituição do que morreu..

—Ah! sim!—exclamaram em coro, os tonsurados cardina-
licios. Mas... as saliências nadegudas, Santidade?

—Sim, meus amados irmãos! Vi-lhe as saliências nadegudas... apreciêl-as... e goscêl-as..

—???—

E nada mais diz o telegrama. É pena. Assim, somos forçados a garantir que dêste novo conúbio do Manêl Ribeiro com S. S. vai nascer um novo menino, que se chamará *Ressurreição*. Como Porteira assistente, terá o sr. Ribeiro o cardeal que estiver em Lisboa; e como apurador das secundinas os inúmeros escorripicha-galhetas que ainda lhe apertam a mão.

E a *Epoca*, dirá, depois, em letras gordas:

—Teve ontem a sua *délivrance*, a sr. Manuel Ribeiro. A neofita chama-se *Ressurreição*, e é filha da dita senhora e de S. Santidade... Parabens aos dois esposos. E quem ler o livro alcançará, pelo menos, 1.311.770... dias de indulgências...

ANTOLOGIA

¿Que é o anarquismo?

O domínio de classe é estranho ao anarquismo, porque o anarquismo não reconhece nenhuma classe, nenhuma supremacia. Na sua bandeira estão escritas estas palavras: nada de violências! ¿Que domínio pode haver sem violências?

Os sociais democratas pintam o anarquismo como uma coisa fantástica, como uma utopia; e os anarquistas afirmam que os sociais democratas não tem nada de comum com o verdadeiro socialismo, e que jamais o poderão realizar na prática.

O anarquista quer a solidariedade entre os homens e a supressão do Estado. Nenhum homem deve ser governado por outro homem; nenhum homem deve ter o poder de decidir da sorte doutro homem.

Eis a diferença fundamental: os socialistas—queres sejam da direita, queres sejam da esquerda, queres sejam independentes ou bolxevistas—desejam apoderar-se do Poder; os anarquistas pretendem suprimir todo o poder, porque o idealismo anárquico vê no uso do poder um abuso. É por isso que quer suprimir toda a idea de violência.

DANTON.

(poeta anarquista contemporâneo)
1920.

A EXISTÊNCIA DE DEUS

A existência de Deus, cuja ideia foi sempre invocada para justificar todas as usurpações e para mascarar todas as perfídias, tem, por isso mesmo, preocupado a inteligência dos sábios, dos filósofos, e especialmente de todos aqueles que se tem interessado pelos destinos do homem sobre a Terra (1). Em oposição, porém, aos esforços dos que tem procurado destruir na consciência humana essa ideia com a qual ainda hoje se pretende explicar a origem dos privilégios mais homicidas, surgiram homens de reconhecido valor intelectual que se colocaram, consciente ou inconscientemente, ao lado dos exploradores, oferecendo-lhes, em nome da ciência, da qual se tornaram respeitáveis *apóstolos*, um franco e poderoso, mas pernicioso, apoio. Dentre eles, alguns levaram a audácia até ao ponto de tentarem uma demonstração da existência de Deus, tentativa na qual naufragaram os génios mais famosos, arrastados pelas mais desastreadas contradições e pelos mais evidentes sofismas.

Descartes, espírito profundo, génio incomparável, que levantou um dos maiores monumentos à Filosofia, que foi o primeiro homem que fez uma aplicação da álgebra à geometria, Descartes sentiu-se sobremodo embaraçado quando abordou as questões relativas a Deus e à imortalidade da alma. Ainda assim, tentou uma demonstração racional da existência de Deus, recorrendo, para isso, às leis sobre as quais assentam as propriedades gerais do triângulo. Mas se revelou, nesse particular, mais uma vez a potência do seu génio, desenvolvendo, com uma subtilidade admirável, raciocínios brilhantemente engenhosos, nada mais conseguiu, deixando, ao contrário, bem patente a impossibilidade duma tal empresa.

Pascal, com toda a sua ele-

(1) Alguns dos leitores poderão objectar que os sábios não tem, como La Place, necessidade da hipótese Deus nas suas investigações. Devo, porém, dizer, que se tais investigações se estendem ao estudo do homem e das sociedades, não será fácil passar sem reparo pela ideia de Deus, porque, para o triunfo dos princípios que implicam a felicidade da espécie, semelhante ideia, explorada pelos charlatões das religiões, constituiu-se num sério obstáculo a essa felicidade.

vação, magestade e imponência, não foi mais feliz nas suas pesquisas. Porque, após heróicos esforços, não tinha ido além do vacuo e do nada. E para se sair do labirinto das questões em que se tinha metido, só encontrou a porta larga do dogma do pecado original. «Sem este mistério — exclama desesperadamente — o mais incompreensível de todos, nós não seríamos incompreensíveis», ao que Voltaire, com aquele *bom senso que era todo o seu génio*, retorquiu mais tarde sobre o túmulo do maravilhoso autor dos *Pensamentos*: «O quê!? o homem seria incompreensível sem um mistério incompreensível? Pretendestes, portanto, transformar em explicação o que tinha tam grande necessidade de ser explicado!»

Os filósofos ingleses da escola de Borlinbroke, ante a impossibilidade de darem uma noção clara e precisa da ideia de Deus, acharam excelente reputá-la como inacessível ao entendimento, considerando uma loucura toda a tentativa para a decifração do enigma...

A Ciência nada tem de comum com as religiões, contra as quais esteve sempre em luta declarada; e os sacerdotes que armaram em sábios, tentando reconciliar as suas crenças com as leis científicas, nada mais fizeram do que acelerar a ruína dessas mesmas crenças. Porque, afinal, querer demonstrar questões relativas à fé com o auxílio de leis que regem os fenómenos do mundo visível, é fazer ressaltar ainda mais o absurdo, mesmo no caso em que a pretensão julga ter apreendido a verdade toda.

Fenelon, um dos luminares da igreja católica e que, não obstante, escreveu, num estilo de pompa e de grandeza, um livro que foi o toque a rebate contra as monarquias absolutas, — Fenelon, tentando definir Deus, de tal modo se conduziu que não pôde evitar os desastres de ilacções muito diversas daquelas que ele esperava. «Deus — afirma ele — é o infinito contido no finito. Tenho-o dentro de mim, apesar de me exceder desmesuradamente.»

Ora eu não conheço absurdo mais acentuado: — o infinito contido no finito! Como se pode conceber que um objecto se contenha noutro cuja capacidade é inferior ao volume do primeiro? Os matemáticos, baseados na impossibilidade de se fazer conter uma quantidade maior dentro duma menor, concluíram que duas rectas, sendo

uma oblíqua e outra perpendicular a uma terceira, se encontrarão, desde que sejam suficientemente prolongadas. Porém, admita-se por um momento como verdadeira a definição do padre. Seja o infinito contido no finito. Mas o infinito, do qual o universo nos dá uma ideia concreta, só se pode conter em si próprio ou na nossa imaginação. Onde se segue que o Deus dos padres não existe: é apenas um logro para roubar as multidões...

J. DE OLIVEIRA.

EXCURSÃO Á POVOA DE VARZIM

NO DIA 29 DE JULHO

EM COMBOIO ESPECIAL

Promovida pela Comissão Pró-Casa dos Trabalhadores

Devem os trabalhadores de todos os misteres afirmar a sua solidariedade a tão grande iniciativa, para que em breve tenha realização prática o objectivo da Comissão Pró-Casa dos Trabalhadores.

Preço do bilhete (ida e volta) 4\$00 Esc.

Ficam convidados todos os que se encarregaram da passagem de bilhetes, o fazerem a liquidação dos mesmos até ao dia 8 de Julho.

Do que se sabe

INUTILIDADE DE LEIS

E REPRESSÕES

Nos Estados Unidos, houve, no passado ano, 60.019 prisões por violação da lei de repressão contra a venda de bebidas alcoólicas; apreenderam-se 119 barcos e lanchas que as transportavam, num valor de 3 milhões de dólares; apreenderam-se 4.563 automóveis no valor de 1 milhão e 701 mil dólares; foram destruídos 3 milhões e meio galões de licor de malte e apreendidos 500 mil galões, alem de 500 mil galões de outros licores destruídos; e foram condenados a diversas penalidades, mais de 22 mil indivíduos.

O valor da lei está aí bem patente — ninguém a respeita. O valor da educação está aí bem manifesta — é o que faz falta. Se em vez de se lhes reprimir um uso ou um abuso, ensinassem aos homens o perigo de certas acções e a vantagem de outras, não será mais simples e mais prático? As leis ou as repressões, tem-se dito isto tanta vez, nunca podem alterar um vício ou os costumes, por mais prejudiciais que

eles sejam. A educação, sim, há-de ser com ela que os homens se hão de regenerar da falsidade de muitos preconceitos, aberrações e vícios.

PROTECÇÃO DE RAPINANTES

Um grupo de syndicateiros chefiado pela Morgan Company, os ultra-conhecidíssimos banqueiros americanos, preparam um empréstimo à Austria de 130 milhões de dólares.

Em regime capitalista, é este um dos casos mais triviais: os senhores da finança destroem, arruinam os povos, e emprestam com uma capa de protectores aos sobreviventes, para lhes arrancarem uns tantos por cento do que a sua miséria e a sua escravidão ainda possam produzir.

Até que um dia os povos contem uma história aos que mangam com as suas desditas, e se disponham a libertar-se e a viver sem os que só vivem de *proteger* depois de muito rapinar.

UMA PREVENÇÃO

Há poucos dias, o professor H. Hishinuma, falando numa reunião da Japan Society, em Londres, disse o seguinte:

«Eu não creio ser um profeta; mas se algumas nações ocidentais não despertarem da sua errada atitude para com as nações orientais, a luta entre o oriente e o ocidente envolverá toda a humanidade na mais desastrosa das guerras que o mundo jamais presenciou.»

Eu creio que o melhor remédio para fazer despertar as nações ocidentais — leia-se governos — da sua errada atitude é fazer com que os respectivos povos se neguem a colaborar nas questões e nas guerras que os seus piores inimigos — os patriotas de balcão e de barriga — lhes preparem. E é ver bem, como, estando nós no extremo ocidente, somos nós os que mais precisamos despertar.

M. H.

Grupo editor de "A Comuna"

Para assunto urgente e da máxima importância, devem reunir os componentes deste grupo, amanhã, segunda-feira 25, pelas 21 horas prefixas.

Espera-se a comparência de todos.

LITERATURA

O que minha mãe queria...

Minha mãe, que morreu há muitos anos,
Quis, em vida, fazer de mim um crente
Nas «virtudes» de Deus onipotente
E dos padres católicos romanos!

Concebeu, minha mãe, ridentes planos...
Meu futuro, seria, certamente,
Obedecer à igreja, cegamente,
Sem descobrir sofismas, nem enganos.

Mas desde que atingi a adolescência,
E vi qual era o fim da religião:
Prêgar em tôda-a-parte a obediência,

O servilismo, o dogma, a escravidão,
Eu bani do meu cêr'bro tal demência:
Deus não existe. O padre é um vilão...

A. ALVES PEREIRA.

O LADRÃOZITO

Com os dedos metidos no nariz, a boca aberta, a fronte colada ao cristal duma mostra de joalharia, os pés cobertos de lama, Tintin olha para aquelas riquezas com os seus olhos muito vivos e prescrutadores. E é tal o seu entusiasmo que nem sequer repara que o frio, entrando-lhe pelos buracos da roupa de cotim, o obriga a encolhimentos contínuos.

Através do cristal da mostra que ostenta tantos valores, Tintin vê, dentro do estabelecimento, uma senhora muito bem vestida, acompanhada dum sujeito gordo, pançudo: examinavam um colar de pérolas, pelo qual o joalheiro pedia cinquenta mil francos.

A cifra estonteadora, dita a meia voz, não foi o que mais surpreendeu Tintin. O que o surpreendeu deveras, foi quando o grotesco par — depois de ter feito a compra — se dirigia para o seu sumptuoso automóvel, aparecer um rapazito, tão pobre e miserável como ele, que, apressadamente, lhe abriu as portas do carro. A humilhante acção fez com que o heróico Tintin olhasse um pouco irritado e gritasse de si para consigo:

— Vais bem, cão de burguês! Atirada a frase justiceira, Tintin, poz-se a caminhar, pensativo.

— Cincoenta mil francos!... Que pobre e que pouca coisa é o filho dum operário!... Essa mulher leva, no colo, tanta riqueza que não lhe serve para nada. O único prazer que ela pode sentir, é o de que o colar lhe faça sobressair a pele... enquanto a minha pobre mãe, e eu, próprio, temos tanta necessidade de alimento e de ar puro!...

Nos bolsos rotos das calças, Tintin aperta os punhos com raiva. Corre para casa. Tem fome. E se, em casa, não houver nada para cear!... Esta ideia torturava-o.

Como a rua está tam sedutora, brilhante, graças à profusão de lâmpadas electricas, Tintin, alucinado, deixa-se ficar no meio da lama gelada, contemplando aquela maravilha. De repente, olha e vê-se à porta dum teatro onde se realiza um baile — segundo diz o cartaz — em benefício dos famintos russos.

Perante a visão do luxo e da alegria, Tintin fixa-se na entra-

da dos que se dispõem a dançar.

Os famintos russos!... os pequenos famintos daquele imenso país!... Tintin recorda-se, com orgulho, de que também contribuiu, na escola, para uma subscrição destinada ao mesmo fim; e que o seu óbulo foi apenas de um franco.

— Muito deve render este baile! — diz, de si para consigo — porque só vejo gente rica a entrar para se divertir. Deve ser — pensa, na sua ingenuidade — bastante cómodo exercer a caridade desta maneira, divertindo-se, enquanto que eu tive de me privar, durante três semanas, dos meus rebuçados — de que tanto gosto — para reunir a desgraçada quantia de um franco, que irá salvar, apenas, a vigésima parte dum irmãozinho russo... Que miséria!

Uma dôr surda que nota no seu estômago, recorda-lhe que ainda não ceou, e que não deve, por isso, distrair-se. De resto, o nevoeiro, dando-lhe uma sensação mais forte de ar frio, obriga-o a procurar a casa.

Mas, aí chega um outro automóvel que para em frente do teatro. Tintin detem-se: quer ver quem é. Descem do auto um homem gordo, pançudo, e uma mulher.

— Ah! — exclama — são os compradores do colar.

A senhora tropeça e quase que vai de ventas ao chão. Ergue-se, toma o braço do homem gordo e pançudo e desaparece sob o arco luminoso da entrada do teatro. O auto desvia-se, para se ir embora; e Tintin decide-se a fazer outro tanto.

Súbito, estaca, como se ficasse pregado no solo.

— Que será aquêl objecto brilhante que está no chão? — pergunta a si próprio. Caspité! é o colar da senhora!...

E, respeitadamente, apanha-o e esconde-o... Treme, como varas verdes...

— Quantas crianças poderão salvar-se com isto, sem contar com a minha mãe e comigo? E, mentalmente, intenta fazer o cálculo: — Se, com vinte e quatro francos se salva uma criança, com cem poderão salvar-se mais que quatro... e com mil...

Tintin faz um embrulho. Não quer saber de mais nada. Tem a convicção de que um número incalculável de crianças recobrarão nova vida com a ajuda do seu colar. Guarda-o. Depois, julga ver encher-se rapidamente a rua de pequeninos seres famélicos, que lhe estendem os braços descarnados, a ele, investido em protector de crianças...

A coisa fica decidida. Guar-

dará o colar, e, no dia seguinte, levá-lo há ao Comité de Socorro aos famintos russos. E, com uma alegria profunda, entusiasmada, aperta-o contra o peito. Não pensa que o podem acusar de ladrão; não vê, em torno de si, nenhum obstáculo. Para ele não há outro problema a não ser o de pensar no número de irmãozinhos russos que vão comer.

Quando se dispõe a marchar, muito contente, sente que uma mão forte, vigorosa, pesada, lhe cai sobre os ombros, ao mesmo tempo que lhe gritam:

— Que é isso que levás escondido?

Tintin reconhece a voz do polícia, o terror do pobre. Quer escapar-se àquela manípula que o esmaga, mas não pode. Quase ao mesmo tempo, aparece, sob o arco luminoso do teatro, gesticulando como louca, a dona do colar e o indivíduo que a acompanha. Ao ver Tintin, exclama:

— Foi este rapazelho, esta cara de apache. Reconheço-o. Estava encostado à mostra da joalharia e seguiu-nos. Achas-te o meu colar? Responde... Tintin fica silencioso. A côcoite dá-lhe vontade de o esbofetear, mas contem-se, com medo de sujar as suas mãos, brancas de neve.

A autoridade, representada na pessoa do polícia apressa-se a intervir, dando, com as mãos grossas, uns safanões em Tintin. Isto faz com que os dedos entumecidos do rapaz larguem o tesouro. Triunfante, a dona dêle, exclama:

— Bandido! Patife! Leve-o para o commissariado e dê-lhe um bom correctivo.

O polícia agarra Tintin, com furor, pela gola do casaco e obriga-o a andar depressa. Como Tintin não pode, arrasta-o com tanta violência que ele nem sequer põe os pés na lama fria.

— Anda, gatuno, que te vou ensinar a roubar colares de pérolas... Casa de correcção com êle; e que dê muitas graças se não apanhar uma tunda para que escarmente.

A porta do teatro há vários indivíduos que observam a scena, rindo-se. Ao longe, no silêncio da rua cheia de flocos de neve, ouve-se a voz de Tintin, soluçante, que suplica, suplica:

— Senhor polícia! deixe-me ir embora. Minha mãe espera-me, minha mãe que está doente... Olhe que a minha mãe espera-me, senhor polícia... Deixe-me ir embora... deixe...

MARCELINA HECQUET.

Espiritualismo e materialismo

A consequência lógica, fatal, do espiritualismo teórico, é o mais brutal materialismo prático, não, por certo, entre os que sinceramente o propagandei—porque o resultado que obtêm, é ver todos os seus esforços condenados à esterilidade—mas entre aqueles que se esforçam por realizar as suas ideias na vida e na sociedade, enquanto que ela se deixa dominar pelas doutrinas espiritualistas, mais ou menos veladas.

Para demonstrar este facto geral, que poderá, à primeira vista, parecer estranho—mas que se explica muito naturalmente por um pouco de reflexão sobre a sua natureza—são-nos necessárias as provas históricas.

Comparai as duas últimas civilizações do mundo antigo: a civilização grega e a civilização romana. Qual das duas, é a mais materialista, a mais natural—por seu princípio ou ponto de partida—e a mais humanamente ideal nos seus resultados? Sem dúvida alguma, é a civilização grega. E qual é, pelo contrário, a mais abstratamente espiritual, pelo princípio que a informa—sacrificando a liberdade material do homem à liberdade espiritual do cidadão, representado pela abstracção das leis jurídicas, e submetendo o desenvolvimento natural da sociedade à ficção do Estado—a que chegou a ser a mais brutal nas suas consequências? A civilização romana. É certo que a civilização grega, como todas as civilizações antigas, incluindo a civilização de Roma, foi exclusivamente nacional e baseava-se na escravidão. Mas, apesar desses dois grandes defeitos, a civilização grega concebeu e realizou o ideal humano—ennobreceu e idealizou, em realidade, o homem; transformou os rebanhos humanos em livres associações de homens livres; criou, por meio da liberdade, a ciência e a arte, uma poesia, uma filosofia imortal e os conceitos principais do respeito humano, e, ao lado da liberdade política e social, estabeleceu a liberdade do pensamento.

Ao terminar a Idade-Média—durante o período da Renascença—bastou que alguns emigrados gregos trouxessem para a Itália os seus livros imortais, para que a vida, a liberdade, o pensamento, a humanidade, enterrados nos sombrios calabouços do Catolicismo, recobras-

sem as suas grandezas perdidas, voltassem a possuir os seus inestimáveis laureis. A emancipação humana: tal foi o lema da civilização grega. E qual foi o lema da civilização romana? A conquista, com todas as suas brutalíssimas consequências. E a sua última palavra? A onipotência dos Césares, e, portanto, a degradação e a escravidão das nações e dos homens.

Ainda hoje, que é o que assassina, o que destrói, brutal e materialmente, em todos os países da Europa, a liberdade e a humanidade? O triunfo dos princípios cesaristas ou romanos.

Comparai, agora duas civilizações modernas: a da Itália e a da Alemanha. No seu carácter geral, a primeira representa, indubitavelmente, o materialismo; ao passo que a segunda representa o espiritualismo na sua forma mais abstracta, mais pura e mais transcendental. Vejamos quais são os resultados práticos duma e doutra.

A Itália tem prestado imensos serviços à causa da humanidade. A Itália foi a primeira nação que restabeleceu e aplicou extensamente o princípio da liberdade na Europa, restituindo à humanidade os seus títulos de nobreza, a indústria, o comércio, a poesia, as artes, as sciências positivas e a liberdade de pensamento. Aniquilada, depois, por três séculos de despotismo imperial e teocrático, e arrastada no lódo da sua burguesia governante e dominadora, reaparece-nos, hoje, numa condição muito degradante, em comparação com o que foi noutros tempos. E, todavia como difere da Alemanha!

Na Itália, apesar desta decadência temporária, passageira—assim o creio—pode-se viver e respirar, humanamente falando, rodeado dum povo que parece ter nascido para disfrutar a liberdade. A Itália, a própria Itália burguesa, pode exibir, com orgulho, homens como Mazzini e Garibaldi.

Na Alemanha respira-se a atmosfera duma imensa escravidão política e social, filosoficamente explicada e aceita por um grande povo, com uma resignação e uma boa vontade deliberadas. Os seus heróis—notem que falo sempre da Alemanha actual e não da Alemanha do futuro, da Alemanha aristocrática, burocrática, política e burguesa e não da Alemanha proletária—são tudo o

que há de mais contrário a Mazzini e a Garibaldi: são os Guilherme I, representante feroz e natural do Deus protestante; os Bismarck e os Moltke, os generais Montenff e os Werder. Em todas as suas relações internacionais, a Alemanha, desde que existe, tem sido constante e sistematicamente invasora e conquistadora, sempre disposta a estender a sua própria e voluntária escravidão ao território dos seus vizinhos. E desde a sua definitiva constituição como poder unitário, converteu-se numa ameaça, num perigo para a liberdade da Europa inteira. A Alemanha é hoje, ou por outra, representa hoje o triunfo do mais brutal servilismo.

Para demonstrar como o espiritualismo teórico se converte, inevitavelmente, em materialismo prático, basta citar o exemplo de todas as Igrejas cristãs, e, sobretudo o exemplo da Igreja católica. Que há de mais sublime, como ideia, mais desinteressado, mais alheio aos interesses terrenos, que a doutrina de Cristo predicada pela Igreja? E que há de mais brutalmente materialista do que a prática constante dessa mesma Igreja, desde o século VIII, data essa em que se estabeleceu como poder definitivo? Qual tem sido, e é ainda, o objectivo principal de todas as contendas com os soberanos da Europa? Primeiro—os seus bens temporais e as suas rendas; segundo—o seu poder temporal e os seus privilégios políticos.

Devemos, contudo, reconhecer que foi a Igreja a primeira que descobriu, na história moderna, esta verdade incontestável, que é muito pouco cristã: a riqueza e o poder, a exploração económica e a opressão política das massas constituem os dois termos inseparáveis do reinado do espiritualismo divino sobre a terra:—a riqueza consolida e aumenta o poder; este descobre e cria novas fontes de riqueza; e ambos asseguram, melhor que o martírologio e a fé dos Apóstolos, melhor do que a graça divina, o bom êxito da propaganda cristã. É esta uma verdade histórica que as Igrejas, ou as seitas, não levaram muito tempo a reconhecer. É claro que falo das Igrejas independentes da Inglaterra, da América, da Suíça, etc., e não das Igrejas subordinadas da Alemanha, que não tem iniciativa própria: fazem tudo que os seus directores, os seus soberanos temporais—que são, simultaneamente, os seus chefes—lhes mandam fazer.

Ninguém ignora que, espe-

cialmente na Inglaterra e na América, a propaganda protestante, como a propaganda católica, estão intimamente ligadas à propaganda dos interesses mercantis e materiais dessas duas grandes nações, e que o objectivo da propaganda dos interesses materiais não é tão só o enriquecimento e a prosperidade material dos países onde penetra em companhia da palavra de Deus, mas também a exploração dos mesmos interesses em benefício de certas classes que, no seu próprio solo, enriquecem por meio da pilhagem e da agiotagem.

Em síntese: não há dificuldade alguma em provar, com a história na mão, que a Igreja, todas as Igrejas, cristãs ou não cristãs, tem procurado sempre, por meio da sua propaganda espiritualista—destinada a acelerar e a consolidar o melhor êxito da mesma propaganda—organizar-se em grandes corporações para a exploração económica das massas, exploração abençoada e protegida, directa e especialmente, por tal ou qual divindade; que, desde a sua origem, todos os Estados, com as suas instituições políticas e jurídicas, e as suas classes privilegiadas e dominantes, não são, no temporal, senão troncos dessas diferentes Igrejas, Igrejas cujo principal objectivo é a exploração a favor das minorias seculares, indirectamente sancionadas por elas; e, finalmente, que a acção do «bom» Deus, e de todos os ideais divinos na terra, concluem sempre, e em todas as partes, por fundar o materialismo crescente das minorias sobre o espiritualismo fanático e famélico, das maiorias.

O que podemos observar diariamente é uma nova prova do que afirmamos. Exceptuando os nobres corações, os espíritos esclarecidos, embora extraviados que cito mais acima, quem são os mais obstinados defensores do espiritualismo? Em primeiro lugar, todas as cortes soberanas: Napoleão III, até há pouco, e sua esposa Eugénia; todos os seus principais ministros, cortezãos e ex-marchais, desde Rohier e Bizainé até Flanny e Piétri; todos os homens e todas as mulheres do mundo oficial do império que tam bem espiritualizaram e salvaram a França, os seus jornalistas e os seus sábios, os Casagnac, os Girardin, os Douvenois, os Veuillot, os Leverrier, os Dumàs... a negra falange, enfim, de jesuitas de capa comprida e capa curta, a grande e a pequena burguesia francesa; os liberais doutrinários e os li-

berais sem doutrina; os Guizot, os Thiers, os Jules Fabre, os Pelletan e os Jules Simon, defensores incondicionais da exploração capitalista. Na Prússia, na Alemanha, Guilherme I, o Rei-personificação actual do bom Deus na terra, todos os seus oficiais, todo o seu exército, que, forte na sua fé religiosa, conquistou a França da maneira espiritual que todos nós sabemos. Na Rússia, o Tzar e toda a sua corte, os Mouravieff e os Berg, todos os piedosos assassinos que submeteram a Polónia ao domínio estrangeiro. Em todas as partes, enfim, o espiritualismo religioso ou filosófico, tradução mais ou menos fiel um do outro, serve apenas de insignia, de bandeira, à força bruta e sanguinária, à exploração mais desavergonhada; ao passo que, pelo contrário, a bandeira do materialismo teórico, a rubra bandeira da igualdade económica e da justiça social, é arvorada pelo espiritualismo prático das massas populares oprimidas e famintas, dessas massas que procuram realizar na terra o reino da liberdade mais completa e do direito humano de cada um, na fraternidade de todos os homens.

Quem são, pois, os verdadeiros espiritualistas; não os espiritualistas abstractos, mas sim os espiritualistas humanos; não os do céu, mas os da terra? E quem são os materialistas?...

(1871).

MIGUEL BAKUNINE.

AOS NOSSOS PRESADOS AGENTES E ASSINANTES DO ULTRAMAR, COLÓNIAS E EXTRANGEIRO:

Novamente apelamos para todos os agentes e assinantes do estrangeiro que se encontram em débito, e, aos quais enviamos circulares nesse sentido, para liquidarem o mais rápido possível as suas contas, evitando assim maiores dificuldades financeiras ao jornal, que presentemente tem um deficit de 793\$40.

Esperamos portanto de todos os camaradas o cumprimento do seu dever não nos forçando a suspender-lhes o jornal, o que para nós seria muito doloroso.

Aos mesmos lhe comunicamos, que de futuro, *A Comuna* passará a ser enviada regularmente todas as semanas.

A Administração.

Comunismo-anarquista e individualismo

Não pode haver liberdade política (liberdade moral, bem entendido), sem uma completa independência económica. Para os amantes apaixonados da liberdade, esta afirmação não admite dúvidas. E, sob o nosso ponto-de-vista, o princípio político, como o princípio económico, apresentam a mesma transcendência. Assim o compreendem também os chamados anarquistas-individualistas, os quais, afirmam, pela pena de E. Armand, que «é só pela posse dos seus produtos, podendo dispor deles como entender, que o produtor deixará de ser um explorado, um dominado», ajuntando, em seguida o que não tem razão de ser: «só há um método, parece-me, que assegurará este resultado — é aquele, pelo qual tudo quanto o indivíduo possuir seja o resultado do seu esforço individual.» Sem receio de desmentido podemos garantir que, com semelhante método, o produtor jamais deixará de ser um explorado, um dominado.

O pensamento humano tem realizado verdadeiras maravilhas; e, seguramente, ainda há de realizar muitas mais. Mas, por muito sonhador que seja um indivíduo, poderá chegar a supor que «tudo quanto possui é o resultado do seu esforço individual?» Nem retrocedendo ao estado primitivo em que o homem-besta não possuía, em realidade, casa, nem vestuário, nem alimentos, e sendo escravo do clima, da fauna e da flora dos logares em que se debatia para satisfazer, muito mal, as mais urgentes necessidades animalescas, encontramos a existência do indivíduo-homem bastando-se a si próprio. Ahamos, pelo contrário, a tribu, o clan, a família patriarcal, a colectividade, rudimentar, é certo, mas colectividade, enfim. Como ha-de poder o homem-cérebro, vislumbrado por nós, lograr, com o seu esforço individual, produzir tudo aquilo de que necessita? Adeus arte, adeus ciência, adeus comodidade!

E. Armand não se fixou naquilo que escreveu. Analizando ponderadamente as coisas, dificilmente encontraríamos uma só dessas coisas, um só objecto, por mais insignificante que fosse, que seja o resultado do próprio esforço individual. Individualmente nem sequer nos podemos reproduzir. Há apenas

uma única maneira de se chegar às conclusões práticas de E. Armand, e que vem a ser esta — que ao homem lhe bastasse pensar para obter logo aquilo em que tinha pensado! Mas isso não pode ser, porque a magia desapareceu com os deuses.

«Declarando-me anarquista-individualista — diz E. Armand — não compreendo porque não o poderei ser economicamente. O anarquismo-individualista deve ter os recursos suficientes para orientar aqueles que se interessam por uma solução nitidamente anarquista do problema económico.»

Deve ter, mas não os tem. E dizemos que não os tem porque, ao procurá-los, não pode fugir do sistema social actual, que, fatalmente, conduz à exploração e ao domínio.

«A livre disposição do produto — diz Armand — pressupõe a posse dos meios de produção, da ferramenta e do solo». Isto é, Armand deseja não só que o produto, mas também a ferramenta e o solo, constituam propriedade individual. Ora muito bem. Como distribuir o solo e o subsolo para arrancar deles o minério necessário às ferramentas, aos fornos e às máquinas onde serão feitas essas ferramentas? Ninguém poderá determinar a parte de cada indivíduo neste trabalho; e ainda que o pudessem fazer, de nada serviria. Que importaria, por exemplo, a um indivíduo que vivesse em New York que lhe concedessem o direito de arrancar das minas de Alaska a parte de minério de que precisasse para fazer as suas ferramentas? Que importaria, por exemplo, a outro indivíduo que vivesse em Alaska que lhe concedessem o direito de cultivar um pedaço de terra na Califórnia para obter saborosos frutos?

É tam absurda a suposição de que cada um possa produzir por si só, pelo seu único esforço, tudo quanto necessita, que nos causa lástima ter que estar sempre a rebater semelhantes... afirmativas. E, todavia, somos obrigados a fazê-lo, visto que E. Armand nos diz: «não tendo necessitado de «curso algum» para transformar em objecto de consumo a matéria bruta, ou já trabalhada — (cremos que não será de mais salientar esta frase: *já trabalhada*, o que pressupõe que alguém

dispendeu com ela um bocadinho de esforço e obtida por troca ou por dádiva, o indivíduo não terá que dar contas a ninguém do uso que fizer desse produto.»

Se o produto ou o objecto ha-de ser obra individual, a troca é de resultados muito pobres. Neste caso o indivíduo tem que fazer sozinho quase tudo quanto necessita, o que não é possível. Se se dedicar à agricultura, apenas poderá trocar, com o vizinho, uma laranja por uma maçã; porque, esperar que com um par de sapatos, ou com um chapéu, ou com uma obra de arte, encontrará quem lhe dê pão, frutos, roupas, livros, luz e cem outras coisas de que necessita, é uma pura utopia. Só dando um valor determinado à sua obra e convencionando, com os outros, num sinal de troca, é que poderá efectuar com certa facilidade a troca de produtos, embora a produção fosse individual; mas, todos nós conhecemos muito bem as consequências terríveis que a moeda traz consigo! Só com a abolição da moeda é que se desmoronará, como um castelo de cartas, todo o arcaboço da sociedade burguesa.

De que serviria acumular produtos que, além de não se poderem levar às costas para ir trocando por outros que fossem mais do nosso agrado, estivessem expostos a apodrecer, a estragar-se, sem vantagens para ninguém? O problema da produção é claro, preciso, terminante e não admite subterfúgios. Não pode ser o resultado exclusivo do chamado esforço individual, mas sim o resultado da cooperação dos vários esforços individuais combinados. Não pode cada um produzir só para si, só para seu uso próprio; tem que produzir para uso de todos. E, ainda assim, é pouco menos do que impossível determinar a parte de esforço de cada um naquilo que se produz ou que se manufactura.

O sentido em que somos anarquistas

por Miguel Bakunine

É uma oportuna e recomendável edição agora feita pela Biblioteca de A Sementeira.

Um exemplar, \$30 — Pelo correio \$40.

Descontos aos revendedores e Grupos de Propaganda.

Pedidos a esta administração ou à Biblioteca de A Sementeira — Cais do Sodré, 88 — Lisboa.

Vida Anarquista

União Anarquista Portuguesa

COMITÉ NACIONAL

Adesões

A este Comité tem chegado algumas adesões individuais e dos grupos *Nenô Vasco*, da Póvoa do Varzim e *A Plebe* de Vila do Conde.

Vários anarquistas das províncias estão em correspondência conosco, solicitando esclarecimentos para a constituição de novos grupos. Esses esclarecimentos estão sendo dados, aguardando-se o seu resultado.

Comité de propaganda e organização Anarquista do Norte

Com a comparência de todos os delegados dos grupos nesta cidade constituídos, verificou-se a 1.ª reunião deste comité, como fôra resolvido na reunião dos Anarquistas do Porto, ficando assente:

1.º Promover a constituição de grupos por afinidades de camaradas que se encontrem isolados e nomeação de 2 delegados, por grupo, a este Comité.

2.º Iniciar brevemente a sua acção de propaganda, especialmente entre os camponeses.

3.º Saudar toda a organização anarquista, quer nacional, quer estrangeira, assim como todos os camaradas isolados.

Toda a correspondência dirigida a este Comité, deve ser enviada a Mário Ferreira, Rua do Sol, 131 — Porto.

Relações

Internacionalmente estamos relacionados com as organizações anarquistas de Espanha, França, Argentina, Brasil, Américas centrais etc., procurando reatar relações com o maior número possível.

O grupo editor da *Plebe* (Brasil), decidiu enviar-nos, de cada número, 10 exemplares, para distribuição, congratulando-se com a nossa actividade.

De Espanha, os grupos editores das: *Revista Blanca* e *Páginas Libres*, enviam-nos todos os números um exemplar.

Com satisfação verificamos o interesse dos nossos irmãos, que trabalham na América, pela vida e acção da U. A. P. Manifestamos a necessidade de relações directas.

Accção

Pela *Comuna* tivemos conhecimento dos trabalhos dos anarquistas do Porto que, por iniciativa do Grupo de Propaganda Libertária, pretendem dar maior homogeneidade à acção da propaganda e organização, irradiando os princípios não só na localidade como também na província.

Os *Rebeldes*, de Coimbra, iniciaram a propaganda ali e nos arredores, distribuindo folhetos e jornais gratuitamente.

Em Lisboa, o *Comité Local*, tem activado os seus estudos para a expansão plena da propaganda. Muito brevemente a sua acção far-se-á sentir.

«Boletim»

Devendo publicar-se brevemente o «Boletim» Anarquista, deste Comité, recomendamos aos grupos e isolados o prestarem-nos o maior número de informações possíveis.

Este «Boletim» será distribuído gratuitamente aos aderentes e enviado as organizações revolucionárias mundiais.

Vida interna

Dentro dos limites que lhe foram conferidos tem o Comité Nacional procurado satisfazer ao seu fim. Prestará informações, moradas de todos os grupos, ligando-os assim, como é conveniente.

Tem-se feito remessas de folhetos, estando a atender-se novos pedidos.

Pede-se o envio da imprensa revolucionária e anarquista, folhetos e manifestos, etc.

Correspondência

A Internacional e Nacional deve ser somente endereçada para, respectivamente: Francisco Costa e J. Pires de Matos, para T. Aguiar da Flor, n.º 16-1.º — Lisboa — Portugal.

Grupo Propaganda

Libertária — Porto

Na sua última reunião, resolveu este grupo dar início aos passeios familiares, recreativos e de propaganda, devendo efectuar-se o primeiro no próximo domingo 1 de Julho. A partida será do Monte das Antas, às 15 horas precisas.

São convidados, pois, todos os que se conformarem com estes passeios, a comparecer à hora indicada, podendo fazer-se acompanhar de pessoas de suas relações.

Este grupo incita os restantes a efectivar esta iniciativa, realizando passeios para as lo-

calidades onde a propaganda se faça sentir.

Grupo Editor Liberdade

Ao apelo deste grupo tem accorrido alguns anarquistas prestando-lhe o seu apoio moral e material.

Para que satisfaça o fim para que foi criado é necessário que todos os anarquistas que sentem a necessidade duma revista anarquista e da publicidade das melhores, obras revolucionárias e educativas, concorram com o seu esforço, auxiliando-o por todas as formas ao seu alcance.

Este grupo aguarda a solidariedade e o bom acolhimento de todos os sinceros camaradas.

Correspondência e valores dirigir a F. Almeida Marques — Calçada do Combro, 38-2.º — Lisboa.

Movimento sindical

Sindicato Ferroviário — Delegação de Gaia — A tenacidade, aliada ao anelo por uma sociedade melhor, da comissão executiva da Delegação de Gaia, do Pessoal Ferroviário da C. P. tem sido nestes últimos tempos dum labor extenuante e benéfico.

Com uma vontade inquebrantável conseguiu esta comissão, com o esforço dos restantes ferroviários, em especial da área de Gaia, instituir uma biblioteca eclética na sua sede, para estudo e illustração dos seus componentes, bem como dotar a Delegação com uma bandeira, que será o seu guia e lema na vanguarda das suas lutas por melhores dias.

Era preciso gravar bem no animo de todos o esforço destas iniciativas, e, então, a comissão executiva toma a resolução simpática e apreciável de efectuar uma sessão solene, que teve lugar no pretérito domingo, 17 de Junho, reunindo assim todos os seus filiados, e a visita solidária dos delegados de inúmeros organismos operários.

Assistimos a esta sessão, e, ao retirarmo-nos, foi com a mais grata recordação, aquecida pela vontade férrea, daqueles que anseiam o advento duma sociedade livre.

Presidiu o camarada Joaquim do Carmo, pela Federação Marítima, Comité do Norte; secretariando, David da Fonseca e Frederico G. Jobling, respectivamente pela associação de C. dos Ferroviários da Beira Alta e Delegação de Gaia do pessoal da C. P.

Fizeram uso da palavra os seguintes delegados:

Joaquim C. Rainha, pela U. S. O. do Porto; Fernando Baddessi pela U. S. O. de Gaia; António Inácio, pela F. C. Civil e F. J. Sindicalista de Portugal; Mário Ferreira, pela Juventudes Sindicalistas do Porto; Alfredo Pereira, pela União Ferroviária, Minho e Douro; Carlos Silva, pela F. C. Curos e Peles, (comité do Norte); J. Pedro Lourenço, pela J. S. de Gaia; Domingos de Sousa, pelos Corticeiros do Porto e Gaia; Manuel Costa, que recitou o «Tripeiro»; Baptista Frias que recitou o «Revoltado»; Dantas pela Federação Mobiliária; Artur Faria pelo Grupo Acção e Propaganda de Gaia; Alfredo Pinto pela F. Ferroviária; Mário Castelhanho pelo Sindicato Ferroviário da C. P. Sede, e A. Teixeira pela A. Comuna.

Trasladar para aqui as palavras de todos os oradores, era uma necessidade que se impunha; mas, a falta de espaço tem-nos perseguido com a sua ingratidão.

Solidariedade Pró Nunes Canha

Quête tirada na Foz do Douro no dia 18 do corrente por o Grupo dos 5:

Transporte	189890
José Pardal	1850
Joaquim Jardineiro	1800
Porfírio Falcão	1800
Manuel Falcão	2350
Joaquim F. Enes	2850
Manuel Madureira	1850
José A. Ferreira (de Vidago)	5800
David D. Pinto	1800
António D. Pinto	1800
Eduardo Queirós	1850
Rosa Marques	850
Blatrix Bessa	850
Alvaro Gonçalves	850
Domingos «Plásea»	850
Uma escrava	850
Soma	209890

Quantias entregues na nossa Redacção:

Joaquim Teixeira	5800
José Maria de Sousa	5800
António Alves de Sá	1850
A. Rosa da Silva	3800

De Aldegalegg:	
Aniceto dos Santos	1800
José Fernandes	850
José Luis dos Santos	830

De S. Pedro da Cova:	
António M. Ferreira	2850

De Castro Daire:	
Américo D. Costa	1800
Mário P. Amador	1800

De Pláes:	
José G. Amorim	2800

De Lisboa:	
José Paiva Conde	2800

A transportar	234820
---------------	--------

Caleidoscópio

Assoar-se...

Dum jornal brasileiro: Morreu, há pouco, em Paris, o actor J. Daragon, por não saber assoar-se. Nove pessoas por dez, estão nas mesmas condições de ignorância!

Diz o dr. P. L. Rehsor que para limpar o nariz, muita gente aperta as narinas entre o polegar e o index, com o lenço, e sopra violentamente, resultando uma pressão que lança as sujeiras do nariz para as cavidades do cérebro. Não há nada mais perigoso. Por detrás das fossas nasais há um canal que vai ter à garganta e ao cérebro. Quando sopramos pelo nariz; apertando as narinas, mandamos as infecções e impurezas para o referido canal.

O actor Daragon estava ligeiramente gripado e com um pouco de defluxo. Não sabia assoar-se. Querendo limpar o nariz fez-lo mal, enviando, com o ar, os microbios da gripe para as cavidades nasais. O resultado não se fez esperar: surgiu uma otite aguda; a infecção ganhou o cérebro e engendrou uma meningite que lhe trouxe a morte.

É preciso, pois, saber assoar-se. O melhor meio para isso é imitar a gente do povo que limpa cada narina por sua vez... e com estardalhaço!

Métodos bolxevistas

Ora aí vá uma amostra destes métodos:

«Rio de Janeiro:—Marques Costa, o nosso valente camará da da Construção Civil que tanto se tem evidenciado pela propaganda das suas ideias libertárias, acaba de ser vítima da sanha ferocíssima do bolxevismo.

Quando, um dia destes, está da redacção de A Pátria, onde redige a «Secção Operária», um bolxevista, abeirando-se dele, deu-lhe, à tração, uma bengalada que o deixou prostrado.»

Com franqueza, isto não se admite. Os senhores bolxevistas deviam esperar mais um pouco, porque, enfim, no Brasil ainda não se vive sob o regime dos Sovietes estatals. A não ser que eles já se estejam a exercitar para futuros... traulheiros. E neste caso, aquela coisa do

olho por olho... tem a sua razão de ser.

Grandeza e miséria

Na terra do carvão, do ferro e do ouro; na terra onde imperam e mandam os Lorde e as Grandes oligarquias financeiras, há, pela última estatística publicada, 1.218.200 operários sem trabalho.

E saber-se que os reis da Inglaterra andaram pela Europa a esbanjar ouro às mãos cheias. E ver-se a enorme esquadra que os potentados da Grã-Bretanha sustentam à custa da miséria desses milhões de proletários.

Mas os pobres que produzem não são gente. E não são gente porque não querem. Se quizessem! Há quanto tempo teriam mudado as suas condições económicas!

Para fazer reflectir

Durante o ano de 1921, a Daimler importou 7.283 carros-automóveis. Foi como cá: importou-se muito automóvel, porque agora todos os novos-ricos querem ter o seu carrinho. E se o povo, ganhando um pouco de juízo, os utilizasse em seu benefício e mandasse os ricos, novos e velhos, trabalhar utilmente, duas horas diárias pelo menos?

Mosaico...

«Sabe alguém de quantos assassinatos se compõe uma batalha?—Alfredo de Vigni.

O regime parlamentar

Luís XVIII, de França deu, do regime parlamentar, a seguinte explicação:

— Querem os senhores saber o que é o sistema parlamentar? Eu lhes explico: Um dia, ao levantar-me, pergunto aos meus ministros:

— Os senhores tem maioria?

— Sim, Senhor—respondem eles.

— Está bem. Então vou passear.

— Outro dia, pergunto-lhes de novo:

— Os senhores continuam a ter maioria?

— Não, Senhor—respondem-me.

— Pois, então, vão os senhores passear...

Provérbio árabe

Na casa de quem joga, pouca alegria mora.

A mosca

Sob o ponto-de-vista da higiene, a mosca é um dos insectos mais perigosos que se conhecem. Vivem as moscas nos lugares mais sujos, onde vão buscar os microbios da desenteria e da febre tifóide. Como pousam de preferência em escairos, de aí o trazerem nas patas o microbio da tuberculose; em seguida, pousando nos alimentos do homem, aí deixam esse terrível microbio, que, depois, facilmente ingerimos. A mosca pode ser também portadora da oftalmia purulenta que produz a cegueira.

Enfim, a mosca põe os seus ovos nas estrumeiras dos estábulos, das cocheiras, bem como nos depósitos de lixo e em todas as matérias orgânicas em decomposição. Como se vê, é um insecto terrível e perigoso; e o melhor meio de evitá-lo é trazer a casa sempre muito limpa.

Seccho-alegre

Dois lapões contemplavam o céu. A certa altura, pergunta um:

— O Manel, já has novas e velhas?

— Há, sim—responde o outro.

— E o que é que Deus faz das luas velhas?

— Ora, essa é boa! Guarda-as para fazer as estrelinhas...

CORREIO DE "A COMUNA"

PONTE DO LIMA—Gonçalo Ferreira. Recebemos escrito, será publicado na sua altura; não desesperes.

EVORA—Francisco J. Cascalho. Recebemos 2\$50, ficando pago até ao 21.

CASTRO DAIRE—Américo Duarte Costa. Recebemos 5\$00.

LEDE

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Porta-voz da organização operária portuguesa

Secção de Livraria de "A COMUNA"

(BIBLIOTÉCA DE «A COMUNA»)

PREÇÁRIO DE LIVROS E FOLHETOS À VENDA

MALATESTA—Entre Campos neses.	\$30
Idem—Programa S. A. Revolucionário	\$15
CONTENT—Contra o Confusionismo.	\$15
DELLAISI—Os Financeiros, os Políticos e a Guerra	\$15
J. C. SOUSA—A Propriedade Privada.	\$20
HAMON—A Crise do Socialismo	\$40
KRAPOTKINE—A Mocidade	\$30
Idem—Bastidores das Guerras	\$15
Idem—A Moral Anarquista	\$30
MELLA—O Princípio do Fim	\$10
LANDAUER—A Social D. na Alemanha	\$10
VARIOS AUTORES—A Novela Vermelha	\$25
Idem—«La Vero» (Revista)	\$10
FAURE—Doze Provas da Inexistência de Deus	\$50
ETTOR—Unionismo Industrial	\$30
ERNESTO DA SILVA—Teatro Livre e a Arte Social	\$10
JULIO GUESDE—A lei dos Salários	\$20

N. VASCO—Geórgicas.	\$15
Idem—Concção Anarquista do Sindicalismo.	\$200
NANSEN—A Fome na Rússia	\$30
GLADIATOR—A Questão S. no Brasil.	\$30
ETIEVANT—A Minha Defeza	\$20
L. DE REZENDE—Mundo Agoniante	\$50
Tradução—A Maçonaria e o Proletariado	\$30
J. EBERT—Os I. W. W. na Teoria e na Prática	\$250
A. Las. Consciências Honradas	\$20
B. LUX—O Sindicalismo e os Intelectuais	\$50
F. LUZ—Nós e os Outros.	\$20
SAAVEDRA—Memórias do Exílio.	\$50
Acções de «A Batalha»	\$100
América (Sacco e Vanzetti)	\$50
RECLUS—A Evolução Legal e a Anarquia	\$30
CHUECA—Como não ser Anarquista?	\$20
A. GUERRA—O Proletariado Histórico	\$75
E. CHAPELLIER—Porque não creio em Deus.	\$100

PELO CORREIO: Para Continente, Espanha e Ilhas, mais \$10. Para África e Estrangeiro, mais \$40. Não se atendem pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância.

Pedidos: «A COMUNA»

Apertado, 17—Porto Calçada do Combro, 38-A-2—Lisboa